

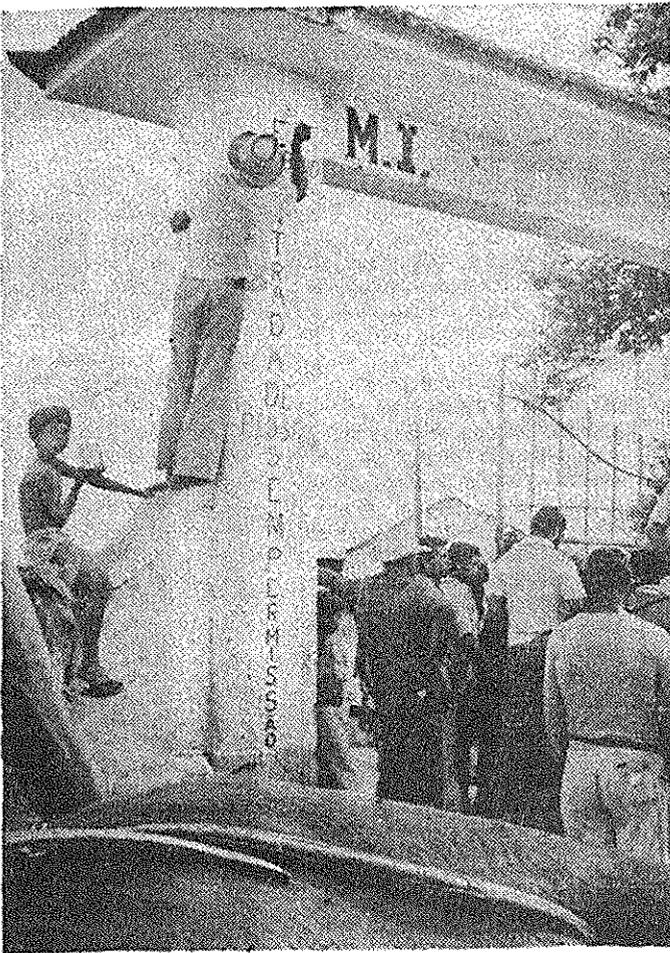
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 04

Data: 05/11/78

Pg.: _____



Fotos Celso Valentim

Os índios raspam as antigas inscrições no portão e anunciam que estão dispostos a morrer pela terra

Índios querem transformar fazenda ocupada em 'aldeia'

JOSÉ ANDRADE
Correspondente em
ARACAJU

As 150 famílias de remanescentes das tribos xocó e cariri — aproximadamente 900 índios aculturados e caboclos — que ocuparam, na madrugada de terça-feira passada, a fazenda Modelo, da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), no município ribeirinho de Porto Real do Colégio, em Alagoas, na fronteira com Sergipe, já raspam, com talhadeiras, as inscrições da empresa que existiam no portão de entrada da fazenda, acreditando, no lugar "aldeia indígena cariri-xocós", em letras vermelhas trabalhadas pelo pintor Edmundo Perela da Silva. Os índios afirmam que as terras foram dos seus antepassados até a década de 20 e, portanto, são de sua propriedade. E estão dispostos, segundo dizem, até a morrer, para manter a posse da fazenda.

Antes da ocupação da área, de 250 hectares, os descendentes dos índios moravam na cidade de Porto Real do Colégio, em casas de taipa e de tijolos, construídas na chamada "rua dos Caboclos" — agora praticamente vazia — e em uma colônia da Funai, de 50 hectares de área. Na sexta-feira da semana passada, como de hábito, reuniram-se a seis quilômetros de Porto Real do Colégio, nos 130 hectares de mata cerrada que possuem, exclusivamente para a prática de seus cultos religiosos secretos, conhecidos pelo nome de "ouricuri". De sexta a terça-feira, eles permaneceram na mata, dirigindo-se, em seguida, todos, homens, mulheres e crianças, para a fazenda Modelo. Levaram arcos, flechas, paus, facas e foices, e os três vigias da Codevasf, surpresos e impotentes, viram os índios entrar e tomar posse da fazenda, sem violência.

Nesse mesmo dia, a Codevasf determinou a saída dos seus homens da fazenda, para onde os índios passaram a levar

os seus pertences. Na quarta-feira, eles receberam a visita de representantes da 3ª Delegacia Regional da Funai, com sede em Recife, e do diretor regional da Codevasf para Sergipe e Alagoas, José Antônio Góis Martins, que prometeram "uma solução favorável" para dentro de 30 dias.

Entretanto, no portão de entrada da fazenda Modelo, à qual só têm acesso os descendentes dos índios ou as pessoas autorizadas, os caciques Cícero de Souza Santiago e Otávio Queiroz Nidé, das tribos xocó e cariri, e o pajé dos cariris, Francisco Queiroz Suira, de 66 anos, além dos outros homens, jovens estudantes, mulheres e até crianças, afirmavam, na última quinta-feira, que não há mais o que resolver "Vamos ficar aqui", disse o cacique Cícero Santiago. Nós só saímos daqui aos tácos, depois de mortos. E confiamos em Deus e no governo federal, que não vai fazer isso conosco".

Cícero Santiago, cacique dos xocós — índios que foram expulsos de suas terras, em Sergipe, no final do século passado, tendo sido acolhidos pela tribo Cariri, em Porto Real do Colégio — explica que as terras da fazenda Modelo pertencem aos cariris há séculos, e faz questão de dizer que eles não invadiram a fazenda; apenas retomaram o que era deles.

CARTA AO MINISTRO

Segundo Cícero, há algum tempo os índios escreveram ao ministro Rangel Reis, do Interior, pedindo a devolução de suas terras, uma vez que eles não podiam mais continuar vivendo na cidade e na colônia da Funai, de apenas 50 hectares e, além de tudo, cortada pela BR-101 e a Rede Ferroviária. "A cidade estava nos oprimindo", conta Cícero. "Lá não se pode nem criar um pinto. A gente não tinha mais onde apanhar o barro para a nossa cerâmica, tradição que não podemos abandonar".

Ainda na quinta-feira, quando ocorreu a substituição das inscrições da Codevasf, as famílias dos remanescentes dos

índios chegaram, durante todo o dia, à fazenda, transportando em carroças, camas, colchões, móveis e utensílios, inclusive três televisores e antenas enormes. Na fazenda, às margens do rio São Francisco, há "água encaçada e luz elétrica e 14 casas, entre as quais as que serviam de escritório e almoxarifado da Codevasf. Nela, estão localizadas uma estação de piscicultura da companhia federal, e existem várias áreas adequadas para a plantação de arroz.

De acordo com o pajé Suira, no ponto chamado "Alto do Bode", dentro da fazenda, existiu, até o ano de 1923, a taba dos cariris. Mas o governo alagoano determinou a mudança dos índios para um terreno na cidade de Porto Real do Colégio, tendo a fazenda passado depois para o domínio da extinta Suvale (Superintendência do Vale do São Francisco) e, posteriormente, para a Codevasf.

DÍVIDAS

Entre os descendentes dos índios, existem 41 homens que são "parceiros" da Codevasf, trabalhando nas plantações de arroz da companhia na região — e que se queixam de que a maioria dos "parceiros" vive cheia de dívidas, ganhando apenas 300 cruzeiros por semana. Existe, também, cerca de 20 estudantes ginasianos e mais de 100 no curso primário. Os outros homens trabalham na lavoura da região ou vivem de biscates; as mulheres confeccionam panelas e potes de barro, para vender.

As famílias estão se acomodando nas 14 casas, incluindo a casa grande, o escritório e o almoxarifado. Cerca de dez famílias passaram a viver em cada casa, mas os descendentes dos índios têm planos de derrubar as casinhas da "rua dos caboclos" e transportar para a fazenda o material necessário, a construção de novas moradias. Nas amplas construções já existentes, segundo eles, poderão funcionar farmácia, escolas e outros centros comunitários. A maioria das casas da fazenda estava abandonada. No escritório da

Codevasf, por exemplo, os descendentes dos índios encontraram cobras, lagartixas e sapos mortos.

Na quinta-feira, um agrônomo da Codevasf controlava a saída do gado de fazendeiros aos quais a companhia alugava os pastos da fazenda, cobrando 50 cruzeiros por cabeça, por mês. Os 500 cabeças de gado foram retiradas da fazenda, sendo contadas cuidadosamente. Além do agrônomo da Codevasf, do chefe do posto da Funai em Colégio, Cláudio Santana, e dos vaqueiros que retiravam o gado ninguém mais entrava na fazenda. Na pilastra esquerda do portão principal da fazenda, um aviso: — "É proibida a entrada de pessoas sem permissão". Os próprios repórteres, somente depois de muita relutância dos caciques das tribos, puderam entrar, mas apenas para fotografar as mulheres trabalhando na confecção dos seus potes e panelas e um grande grupo reunido em frente à casa grande da fazenda.

O MEDO

Tanto cuidado, segundo disseram os ocupantes da fazenda, é devido ao perigo de "inimigos" agirem contra eles, causando algum dano ao patrimônio da companhia, pelo qual são responsáveis. Os índios temem, por exemplo, que envenenem a lagoa de peixes da Codevasf. Embora grande parte da população de Porto Real do Colégio e da região veja com simpatia a ação de retomada das terras, existem "os inimigos", como um homem que foi apontado pelo cacique Cícero Santiago, ao passar diante do portão da fazenda, montado num burro: "Está vendo aquele ali? Se seus olhos tivessem veneno, os índios já estariam mortos", disse o cacique. "Proibimos a entrada de pessoas estranhas porque queremos evitar que aconteça alguma coisa, queremos zelar pelas coisas da companhia."

Para fazer cumprir a proibição, há sempre, mesmo à noite, grupos de homens no portão de entrada da fazenda, fechado por correntes.